

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Teremos Sempre Michael Curtiz
1e 5 Julho de 2025

THE ADVENTURES OF HUCKLEBERRY FINN / 1960

As Aventuras de Huckleberry Finn

um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / **Argumento:** James Lee, a partir da obra homónima de Mark Twain / **Direcção de Fotografia** (CinemaScope): Ted McCord / **Música:** Jerome Moross / **Canções:** Burton Lane, Alan Jay Lerner / **Montagem:** Frederick Steinkamp / **Som:** Franklin Milton / **Direcção Artística:** George W. Davis, McClure Capps / **Cenários:** Henry Grace, Robert Priestley / **Guarda-Roupa:** Jack Martell / **Interpretação:** Eddie Hodges (Huckleberry Finn), Archie Moore (Jim), Tony Randall (The King), Neville Brand (Pai), Judy Canova (mulher do xerife), Patty McCormack (Joanna), Buster Keaton (domador de leões), Andy Devine (Mr. Carmody), John Carradine (“caçador” de escravos), Mickey Shaughnessy (The Duke), Sterling Holloway, Sherry Jackson (Mary Jane), Finlay Currie (Capitão Sellers), Josephine Hutchinson (viúva Douglas), Royal Dano (xerife).

Produção: Metro-Goldwyn-Mayer / **Produtor:** Samuel Goldwyn, Alfonso Corona Blake / **Distribuição:** Fox Films / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, legendada em português / **Duração:** 105 minutos / **Estreia Mundial:** 17 de Junho de 1960, Estados Unidos / **Estreia em Portugal:** 18 de Janeiro de 1963, Cinema Capitólio, Lisboa / Primeira exibição na Cinemateca: 4 de Fevereiro de 2013 (“Retratos da Infância”).

The Adventures of Huckleberry Finn, o filme de Michael Curtiz baseado no famoso romance de Mark Twain, foi a primeira adaptação do livro feita em *Cinemascope* em Hollywood, mas foram muitas as que a antecederam e as que lhe sucederam. Se as primeiras aparições de Huckleberry Finn no cinema datam dos anos dez, quando é convocado para vários filmes da Paramount, com ou sem Tom Sawyer (**Tom Sawyer / Huck and Tom / Huckleberry Finn**, os três realizados por William Desmond Taylor, respectivamente de 1917, 1918 e 1920), poucos anos depois, em 1931, Norman Taurog realiza o seu **Huckleberry Finn** e, em 1939, Richard Thorpe faz um primeiro **Huckleberry Finn** para a M.G.M., com Mickey Rooney no papel principal.

Para Curtiz, um dos mais prolíficos realizadores de Hollywood, onde assinou mais de cem filmes, esta, que é uma das suas últimas longas-metragens, foi também um regresso à M.G.M. numa altura em que trabalhava num regime “*freelancer*”, cuja errância era facilitada por uma sólida rede de relações com alguns dos grandes produtores do passado. A M.G.M., que atravessava uma profunda mutação, empenhou-se na produção deste filme, assegurando todos os meios à sua disposição, mas Curtiz não soube responder propriamente à altura, ao realizar uma obra bastante menos inspirada que alguns dos seus trabalhos mais famosos, como os admiráveis **The Adventures of Robin Hood** (1938), ou **Sea Hawk** (1940).

Alguns anos antes, a M.G.M. havia anunciado que preparava uma versão musical de “As Aventuras de Huckleberry Finn”, que deveria ser produzida por Arthur Freed e dirigida por Vincente Minnelli. A música e as letras das canções começaram a ser compostas por Burton Lane e por Alan Jay Lerner, e essa “versão” deveria ser interpretada por Gene Kelly, Danny Kaye e Dean Stockwell, como Huck. Problemas de

produção impediram que arrancasse, mas parte das partituras e das letras de Lane e de Lerner transitaram para o filme de Curtiz, que de modo nenhum poderá ser classificado como um musical, e que não terá sido ajudado pelos vários interlúdios cantados.

Numa versão necessariamente condensada, o filme de Curtiz acompanha as aventuras de Huckleberry Finn partindo do livro homónimo de Mark Twain, mas dele se afastando com muita liberdade, o que não abona propriamente em favor do filme, do realizador, ou do argumentista. A adaptação realizada por James Lee apagou uma componente essencial do livro e da figura de Huckleberry Finn, simplificando as relações entre as personagens e as suas motivações, provavelmente em benefício de um maior acolhimento por parte dos espectadores mais jovens, que assim só ficariam com uma pálida imagem de Huck e do livro. Twain introduzia o livro em que pretendia dar forma a algumas memórias da juventude da seguinte forma: “Persons attempting to find a motive in this narrative will be prosecuted; persons attempting to find a moral in it will be banished; persons attempting to find a plot will be shot”. Curiosamente, tudo o que é recusado por Twain na sua nota prévia ao livro, está bem presente no filme, que sacrifica muito do original em prol de uma narrativa sequencial, que enfatiza a relação entre Huck com Jim, o escravo em fuga, que o acompanha rio abaixo.

Trata-se aqui de uma viagem atravessada por dois divertidos impostores, que procuram fazer de Huck um cúmplice, e pela recolha do rapaz e de Jim a bordo de um imponente barco a vapor, que não está de todo no livro original. Com a sua acelerada sucessão de episódios, que acompanham as aventuras e desventuras de Finn na sua viagem fluvial, o filme perde parte da atmosfera do livro e do fascínio de Huck pela natureza e pela vida selvagem, que aqui fica confinada a alguns interessantes planos de exteriores fotografados por Ted McCord, ao referido episódio do barco a vapor em que é o capitão que faz uma apologia da vida no rio Mississípi, ou a frases como: “não nasci para ser salvo ou civilizado”.

À data da sua estreia a crítica da época foi quase unânime em acentuar a debilidade do filme face à obra de Twain, que em muito se ficou a dever ao jovem protagonista, Eddie Hodges, pouco convincente no papel de Huckleberry Finn. Como foi escrito na revista *Time* em Junho de 1960: “Quem procurar encontrar Huck neste filme ficará no mínimo decepcionado. Como está escrito, Huck é um jovem rato do rio, que vive num barril no cais, e que cheira mal como o que o rodeia. Interpretado pelo actor Hodges, é uma criança de palco, que se estreou na Broadway em *The Music Man*, o protótipo desta infância de fronteira é um rapaz sardento querido da mamã, que cheira a sabão e charme suburbano, e que se parece exactamente com o que o produtor Goldwyn queria que ele se parecesse: como um ‘Peter Pan do Missouri’”.

E se o filme não prima pela escolha de Eddie Hodges, é junto de outros actores que encontramos os seus maiores trunfos. Archie Moore, um antigo campeão de boxe, tem aqui um trabalho memorável como Jim, mas nos pequenos papéis encontramos ainda excelentes actores como Tony Randall enquanto “rei de França”, Finlay Currie como o notável capitão Sellers, ou Buster Keaton, o domador de leões de um circo extremamente decadente. Se a aparição de Keaton é muito breve, revela a força de uma presença que contaminará todo o filme.

Joana Ascensão